

A telescopia histórica do break: no ritmo das ruas...

Cristiane Correia Dias*

Resumo

Esse trabalho teve início com o TCC apresentado ao Centro Universitário Ítalo Brasileiro, para obtenção do Título de Bacharel em Educação Física, sob orientação da Profa. Rose Maria de Souza e foi expandido, quando inserido no projeto *Rappers, os novos mensageiros urbanos na Periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa*, coordenado pela Profa. Dra Mônica do Amaral, da FEUSP. Pretende abordar o Break como uma das manifestações da Cultura Hip-Hop, uma vez que ainda são escassos os estudos que demonstram a importância do mesmo. O break será associado ao ritmo, enquanto expressão corpórea e musical, capaz de desenvolver no indivíduo consciência, fluidez, autonomia e liberdade de expressão. A pesquisa de suas origens e fundamentos constitui-se em importante instrumento para que o professor possa estimular o indivíduo (a) a vivenciar a Cultura Corporal do Movimento, associando-a às capacidades físicas. Desse modo, pretende fazê-lo identificar nesta “cultura da rua”, parte essencial das atividades dos clubes, academias, organizações e principalmente nas escolas. Assim sendo, a pesquisa apresenta um viés estético-cultural, procurando atender as necessidades dos educandos de conhecer as bases em que se formou o elemento Break. Tanto o elemento Break como a Cultura Hip Hop permitem uma forma de ressignificação do hip hop a partir da cultura afro-brasileira, além de propiciar a construção da própria identidade do jovem, sobretudo do morador da periferia. A compreensão de seu papel na comunidade e no mundo é uma das consequências mais importantes para a formação do jovem hihopper.

PALAVRAS CHAVES: Break, Cultura Hip Hop, Educação.

* Bolsista FAPESP na Faculdade de Educação da USP.

Abstract

This work began with the TCC submitted to the Brazilian Italo University Center, to obtain the title of Bachelor of Physical Education, under the guidance of Prof. Rose Maria de Souza and was expanded as part of the project Rappers, new messengers in the urban periphery of São Paulo: the aesthetic-musical challenge that emancipates and educates, coordinated by Prof. Dr Monica Amaral, FEUSP. Aims to address the UPS as a manifestation of Hip-Hop Culture, since there are still few studies that demonstrate the importance of it. The Break will be involved in rhythm, while bodily expression and musical, able to develop the individual consciousness, fluidity, autonomy and freedom of expression. The search for origins and foundations constitutes an important tool for the teacher to stimulate the individual (a) to experience the Body Culture Movement, linking it to the Physical Capacity. So, do you want to identify this "street culture" essential part of the activities of clubs, gyms, organizations and especially in schools. Thus the study presents an aesthetic and cultural bias, looking meet the needs of the students to know the basis on which formed the element Break. Both the element Break Hip Hop Culture as a way to allow redefinition of hip hop from the african-Brazilian culture, and allows the construction of the identity of the young, especially the residents of the periphery. Understanding their role in their community and the world is one of the most important consequences for the education of young hihopper.

KEYWORDS: Break, Hip Hop Culture, Educacion.

Introdução

Este trabalho teve início com o TCC apresentado ao Centro Universitário Ítalo Brasileiro, para obtenção, do Título de Bacharel em Educação Física, sob orientação da Profa Rose Maria de Souza e foi expandido, quando inserido no Projeto de Políticas Públicas Rappers, *Os novos mensageiros urbanos na periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa*, coordenado pela Profa. Mônica do Amaral (FAPESP, 2011/2013).

Em um primeiro momento o trabalho pretende estabelecer um diálogo entre a Dança Break e a Educação Física porque são escassos os estudos que mostram a importância de associar a arte e a cultura no aprendizado do indivíduo para o aprimoramento e desenvolvimento do ritmo, permitindo-lhe que desenvolva as atividades físicas diárias e o trabalho.

Em um segundo momento, será feito um dialogo investigativo entre o elemento Break e a Cultura Hip-Hop nos planos estético e histórico, com o objetivo de transformar o aluno, morador da periferia, em um pesquisador da Cultura Hip-Hop, do mundo e de sua própria história.

Um Diálogo Investigativo Sobre o Fenômeno Break e a Educação Física

Para Pinheiro (2004), a importância e o significado da Educação Física implicam em reflexões sobre seus paradigmas, pois se vive numa sociedade dinâmica e entende-se que essa área deva contemplar múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos por esta sociedade a respeito do corpo.

Nesse sentido, cabe ao profissional de Educação Física promover e desenvolver atividades rítmicas, pois elas estão relacionadas com nossas vidas. No entanto é preciso que o educador pesquise e desenvolva o seu ritmo individual, considerando que a dança faz parte do universo da Educação física e é preciso ter consciência rítmica.

Segundo Cunha, a dança merece destaque junto à Educação Física complementando as atividades “de ginásticas lúdicas esportivas e recreativas” (1992,p.11). Desse modo, Gonçalves (1994) sustenta que a Educação Física

compreende várias formas de atividades físicas, tais como: a dança, o jogo, a ginástica e o esporte, definidas como Cultura corporal do Movimento.

A dança Break é uma ótima contribuição em relação ao desenvolvimento do ritmo e o despertar da criatividade, além de visar uma identidade cultural, social e educacional. Uma dança que envolve movimentos rítmicos envolventes e empolgantes, fazendo com que os alunos se interessem pela atividade, além de ser um processo onde o educador pode trabalhar várias possibilidades, abordando seus eixos temáticos de modo interdisciplinar.

O ritmo, em especial no Break, desenvolve a combinação de conhecimentos, aptidões, habilidades e comportamentos. Resgatando os campos, emocional e social de cada indivíduo, diminuindo a ansiedade, a inibição, a debilidade motora, a expressão motora e, desse modo, transformando o indivíduo em um ser mais criativo. O objetivo é alcançar uma performance superior, reunindo todas as qualidades de cada indivíduo para que eles possam fazer a diferença no seu ambiente. Promovendo o domínio corporal e o conhecimento psicológico nas crianças, nos jovens e adultos oferece uma sensação de bem estar, uma satisfação pessoal, dando ênfase à importância da competência individual e coletiva, a fim de desenvolver o seu talento e/ou simplesmente mostrar a importância e a valorização do ser humano.

Alves (2007) considera que por meio da arte é possível ser diferente a partir do olhar voltado para si. A arte das ruas representada pela dança Break é um movimento genuíno de ressignificação de si e do meio cultural em que vive. Assim sendo, os jovens forjam outro jeito de ser jovem, tornando-se autores de sua própria vivência.

No ritmo das ruas: origens do elemento Breaking

Holman (2004) afirma que a dança Break tem suas origens em meados dos anos 70, em Nova Iorque, mas suas origens remontam principalmente à sua ancestralidade africana, com influência da China, Eurásia tribal, bem como da dança americana. Criada por jovens negros, membros de guanguês do bairro do Bronx, era um estilo livre de dançar (Freestyle). No início dos anos 70, James Brown incendeia os jovens com o surgimento do estilo funk: ele dançava Good Foot (passo bom) no beat (batida) da música. Eram passos funkeados, em que ele e sua banda dançavam em seus shows, baseados em saltos, agachamentos, decidas, giros e chutes¹. Dessa forma, a dança popular evoluiu para uma forma ainda mais freestyle, carregando consigo a história da dança negra e cultura de rua. Nova Iorque se torna a primeira cidade a desenvolver e aperfeiçoar a dança de rua freestyle.

Com o lançamento da música “Get on the foot (entre no passo certo)”, de James Brown, em 1969, a dança se difundiu em diversas manifestações: Locking (dança com passos funkeados e com movimentos de rotação de punho, criada em Los Angeles por Dom Campbell nos anos 60) e Popping (dança feita através da contração muscular e movimentos robóticos, criada na Califórnia nos anos 70).

Rocha et al (2001) afirmam que o "Funk" passa a representar o orgulho negro: a roupa, o modo de andar, residir em determinado bairro da cidade; o modo de cantar e dançar caracterizavam o “ser Funk”.

A partir daí, os jovens do bairro do Brooklin criaram uma dança chamada Brooklin – Rock (como se eles estivessem disputando uma batalha, um contra o outro) e os irmãos Keith e Keven conhecidos como The Nigga Twins, do Bairro do Bronx, foram os percussores dessa dança Break, com o grupo First B.Boys. Estes transformaram o Good Foot em Top Rock, movimentos em que o indivíduo faz em pé; posteriormente, para não ficarem defasados, os jovens do Bronx sentiram a necessidade

¹ Encontrado na < [wikipedia.org/wiki/ Breakdance](http://wikipedia.org/wiki/Breakdance) > Disponível em jan. de 2011, a relação entre James Brown e o Hip Hop, logo daí refletimos e compreendemos o porquê da importância do cantor perante o fenômeno Break nas décadas de 60 a 70, e até mesmo a explosão para o mundo na década de 80, pois as raízes da Dança Break vêm do Funk de James Brown.

de dificultá-los criando o Footwork, que são os movimentos circulares que o indivíduo faz com os pés e mãos no solo.

Pimentel (1997) afirma que o termo Break significa “quebrar”, considerando que o B.boy/B.girl só dançavam na parte quebrada da música. Mas também, um estado emocional, um estar Break, ou seja, às vezes, o B.boy ou B.girl estavam apenas querendo extravasar suas emoções.

Holman (2004) afirma que o breaking se tornou mais popular no Bronx: batalhas entre breakers aconteciam em todo lugar na escola durante o almoço no refeitório ou nos corredores. A escola era um lugar muito popular para os primeiros breakers: era onde praticavam seus movimentos, especialmente nos corredores, durante o recesso, ou na ida ao banheiro. Todo minuto era importante para treinar alguns passos antes de voltar para a aula.

Ribeiro (s/d) afirma que, a partir da década de 70, a dança Break difundiu-se ainda mais entre os jovens nas pistas de dança, onde iniciam uma disputa pela dança para ver quem fazia a melhor performance. Em 1971, Nova Iorque assina o maior Tratado de Paz feito no país e o bairro entra em ritmo de Paz.

O DJ Afrikaa Bambaataa denominou *Cultura Hip – Hop* o conjunto de quatro formas artísticas conhecidas como os elementos desta cultura, sendo que nos anos 80, o mesmo criou o quinto elemento da cultura hip hop – o conhecimento, considerado a base dos quatro elementos. Este quinto elemento remete à história que teve início no cenário urbano de Nova York, cidade dos EUA, na passagem dos anos 60 para os anos 70, num cenário de abandono e devastação que atingiu o bairro negro de Nova Iorque, no Sul do Bronx. O termo Hip – Hop foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa² em 1974, fundador da Zulu Nation³ (1973), referindo – se ao movimento de pular e saltar balançando os quadris.

² Sobre a vida de Afrika Bambaataa, que foi um dos repensáveis por conter a violência no bairro do Bronx na década de 70, encontra-se um rico material jornalístico em: Chang, Jeff. *Can't Stop, Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation*, New York, 2005.

³ Em maio de 2007, o DJ Afrika Bambaataa esteve no Brasil para tocar no festival de música eletrônica, Skol Beats. Na entrevista concedida na época, o pai do hip-hop deu um longo depoimento sobre sua juventude.

Os elementos foram determinados assim por Afrika Bambaata⁴:

Breaking: é um dos primeiros elementos a surgir, representando o movimento através da dança, sendo a expressão corporal da cultura;

MC(Mestre de Cerimônia): é o cérebro e a consciência, representados pelo cantor de Rap (Rhithm and Poetry – ritmo e poesia; sendo a expressão musical e verbal da cultura);

DJ(Disc Jôquei): é a alma, a essência e a raiz da cultura, responsável por criar técnicas musicais;

Graffiti: é o meio de expressão através da arte visual.

Conhecimento: surge posteriormente aos demais elementos para evitar que a cultura Hip Hop suma e, para promover sua valorização, faz-se necessário o conhecimento de sua história, sua cultura, seu próprio estar no mundo.

Assim sendo Nova Iorque tornou-se sinônimo de um estilo rítmico que representava a força, o combate e o ritual, transmitidos através da expressão corporal. Observe-se que James Brown fazia suas músicas para serem sentidas com o corpo, um lugar de uma cultura multiplicadora e transformadora em meio à repressão e violência.

⁴ Bambaataa (2007) afirma que a vida era realmente uma batalha, gangues de rua e violência por todos os lados. Mas em meio a tudo isso, tínhamos, por exemplo, grandes professores do Islã. Pessoas como Malcom X e Louis Farrakan. Tínhamos o Partido dos Bambaataa (2007) afirma que a vida era realmente uma batalha, gangues de rua e violência por todos os lados. Mas em meio a tudo isso, tínhamos, por exemplo, grandes professores do Islã. Pessoas como Malcom X e Louis Farrakan. Tínhamos o Partido dos Panteras Negras e Angela Davis. Tínhamos grandes cantores pela paz como James Brown, Aretha Franklin, Sly & The Family Stone, Isley Brothers, John Lennon, e tantos outros. Seja por meio de suas músicas ou de seus discursos, todos me ensinaram algo de bom. Algo que me ajudou a moldar minha mente de forma positiva e a me tirar do ócio e do crime, me levando a pensar em fazer algo pelo meu povo. Além deles, o grande professor Martin Luther King e o Young Lords Party [partido porto-riquenho] foram me despertando pra algo maior. Foi então que assisti a um filme na TV chamado Zulu, onde os zulus [etnia da região sul da África] lutavam pela sua liberdade contra os britânicos, que tentavam invadir suas terras. Isso me despertou e me fez imaginar: quando eu for mais velho, vou querer ter a minha Zulu Nation, um dia... E hoje temos a Universal Zulu Nation e, quem sabe, no futuro, não teremos a nossa Galáctica Zulu Nation, indo de planeta a planeta defendendo a paz? Disponível em < <http://www.afroeducacao.com.br> > Acesso em jan. 2010.

Holman (2004) afirma que DJs como Cool Herc deram destaque ao Break, tornando a música ainda mais dançante, de onde surgiu o termo B.boy/B.girl e o termo break. Entre 78 e 79, a dança Break entrou, entretanto, em decadência por causa das danças “The Freak” e “The Spank”. Quem dançava Break passou a ser ridicularizado. Porém, alguns jovens negros e porto-riquenhos começaram a dançar um novo estilo da dança Break com passos mais acrobáticos. Uma das equipes que se destacaram foi a Rocksted Crew que conseguiu estruturar finalmente a dança Break: Top Rock , Footwork, Freeze, Power Moves.

Ribeiro (s/d) afirma que a primeira batalha de Break ocorreu na Igreja dos jesuítas Saint Martin, local freqüentado por vários dançarinos, como por exemplo, pela equipe Star Child La Rock e Luiz Angelo Mateo. Este era conhecido como “Track2” e foi responsável por introduzir em 1994 movimentos de ginástica, em 1978. Fez parte da crew (equipe), The Crazy Comanders que tinha como fundador o B.Boy Spay, conhecido como o homem dos mil movimentos (“The Man With Thousand Moes), pois copiava os passos que via, dando uma nova forma aos mesmos; por esta contribuição, ficou conhecido como o **“Pai”** da dança Break, além de estruturar a dança com um começo, meio e fim (Top Rock, Footwork e Freeze).

O bairro do Bronx era formado por negros e latinos, sendo que a população latina era formada em sua maioria por porto – riquenhos e cubanos que difundiam sua cultura dando um ar “caliente” em tudo que faziam. Os porto-riquenhos começaram a se interessar pela dança que as crianças negras faziam na década de 70, introduzindo na dança Break o ritmo da Salsa, uma dança viva e alegre; misturando com swing e muita energia, influenciando, desse modo, o seu fundamento: o Top Rock, além de colocarem movimentos acrobáticos na dança influenciados pela arte marcial, Kung Fu, apresentada em filmes de Bruce Lee.

O Top Rock básico é composto por movimentos funkeados, influenciado pela salsa ritmo dançado pelos latinos, que faz parte da dança de Salão. Todos os movimentos no alto são considerados Top Rock desde que se dance segundo o ritmo break beat. Já os passos que caracterizam os Footwork’s são feitos no solo: é como sapatear só que no plano baixo; alguns de seus movimentos saíram do Top Rock, outros da capoeira e da arte marcial. Os Freezes significam congelar a sua imagem,

compreendendo desde parar em determinado movimento, até a execução de manobras, o Freeze básico mais conhecido é o Baby Freeze.

Desse movimento e integração surgem algumas crew's (equipes de dançarinos) que contribuíram com a dança. Ribeiro (s/d) afirma que a Salsou Crew, foi a primeira crew só de latinos e a primeira crew a fazer uma turnê, The Zulu Kings (Breaver, Robbie Rob e Weeble Swain e The Bronx Boys (Batch e Weeble - criador do giro de mão, Hard Spin); A Floor Master (New York City Breaks) ficou conhecida porque fizeram parte dos shows do produtor Michael Holmal, idealizador do programa Graffiti Rock; Em 1977 os B.Boys Jimmi D e Jojo formaram a Rock Steady Crew, que se transformou em uma das mais importantes crew's para a criação e divulgação da dança (Ken Swif foi o criador do "Original Style" ou "Text Style"; e Crazy Lags foi o primeiro b.boy branco – juntos popularizam a dança); Esta crew organizou os fundamentos criando etapas para a dança, formatando a arte que poderia ser praticada e ensinada. Assim, transformou-se em uma das crew's responsáveis pela estruturação do Hip – Hop, tornando-se um de seus elementos, a fim de controlar as raízes de algo que estava se transformando em cultura. Fizeram parte dos filmes Beat Street, Flash Dance, participando de vídeos clipes, workshop's, palestras, entre outros; em 2009, Ken Swifit foi jurado da Battle of the Year Brazil. Assim, Mr. Weggles integra – se à crew e se torna um dos maiores pensadores dessa cultura escrevendo diversos documentos, para que todos conhecessem essas raízes e seus criadores. A Rock Steady crew também ficou conhecida como a crew que protestou contra as músicas que eliminavam o break, e em meio ao jogo de Baseball, junto a outras pessoas eles gritavam: -Fora Disco!, e no meio do campo atearam fogo, ao som da multidão que começou a dançar. Este movimento denominou – se "Disco Duck".

Holman (2004) afirma que vale ressaltar a importância do B.boy Crazy Legs na transição da velha escola para a nova escola, porque teve contato com os jovens negros da velha escola e contribuiu com muitos passos acrobáticos tais como: Backspin (giro de costas) e widmills (moinho de vento). Do início dos anos 70 para os anos 80, apenas sobreviveram enquanto crew, o Rock Steady Crew, The Dynamic Rockers de Queens, e os Floormasters, que se tornaram The New York City Breakers. Os Dynamic Rockers mais tarde mudaram seu nome para Dynamics Breakers. The New York City Breakers e Rock Steady são, obviamente, as mais bem sucedidas de todas as crews a surgir em

meados da década de 1980.

A Cena Break no Brasil

Lopez & Mota (2008) afirma que, em 1979, iniciou-se no Brasil, o governo de João Batista Oliveira Figueiredo (1979/1985), época em que teve início o processo de redemocratização, promovendo a abertura política; em 1982, ocorreram as primeiras eleições diretas para governador de estado; em 1989, ocorreu a primeira eleição para presidente da república. A juventude tinha sede de liberdade de expressão e lutou por liberdades democráticas. Foi a década marcada por maior participação das massas (Diretas Já), com grandes manifestações em prol da democracia no Brasil.

Com o fim da censura em 1988, o país conheceu a MTV, criada em 1981, que mostrou ao mundo clipes de Michael Jackson (Álbum Thriller - 1982), Malcom McLaren, Leonel Richie, entre outros; além da mídia lançar o filme *Flash Dance* (1983), todos apresentaram as danças Break, Locking e Popping. Com isso, a juventude começava a reproduzir tais movimentos mesmo sem saber o que era.

Assim, vários jovens começaram a se reunir para ouvir música e dançar, ROCHA et al (2001) afirma que os primeiros dançarinos breakers dançavam ao som de latas, e que o Break começou a ser praticado na Praça Ramos, em frente ao Teatro Municipal ao som de beat-box e pick-ups. Após o grande festival na Praça da Sé, em 1985, os irmãos João e Luizinho saíram à procura de um novo lugar para os encontros, uma vez que Nelson Triunfo estava afastado por motivo de doença. Foi desse modo que eles conquistaram o espaço da Estação São Bento do Metrô.

O Hip Hop atingiu a grande mídia através da participação de Nelson Triunfo (ativista social e educador, respeitado na Zulu Nation, em 2011 lançará sua biografia) na Funk Cia, que fez parte da abertura da novela, Partido Alto, transformando a 24 de maio Centro de São Paulo, em referência do Hip Hop no Brasil.

No momento em que os jovens, na época, assistem ao filme *Beat Street* começam a entender que o que eles estavam simplesmente reproduzindo era uma cultura complexa com seus elementos e fundamentos.

Assim como nos EUA os jovens montaram suas crew's e também fizeram história, influenciando o aparecimento de novas crew's e dançarinos. As crews que fizeram história foram a Crazy Crew, Street Warrons, Nações Zulu, Fantastic Face, Jabaquara Breakers e Back Spin Kings⁵.

A Back Spin Crew é uma equipe que está no cenário do Hip Hop até hoje, completando 25 anos de existência este ano, sendo reconhecida como um grupo que resistiu ao tempo e que conseguiu passar adiante os fundamentos da dança Break e a filosofia da Cultura Hip Hop.

O grupo Silêncio Crewativo (2003) apesar de novo é formado por pessoas que têm uma responsabilidade social, utilizando-se da arte para transmitir às novas gerações a Cultura Hip Hop e a dança Break, associando-as à Educação e à Cultura⁶.

⁵ Em conversa com Marcelinho da Back Spin ele relata que várias crew's se formaram, mais a única que conseguiu permanecer no cenário nacional foi a dele, visto que seu grupo é formado por Educadores e Ativistas Sociais. Assim conseguiram sobreviver da Cultura até hoje.

⁶ Essa é a equipe da qual eu, Cristiane Correia, pertencço, e que vem fazendo história e tem em sua formação educadores sociais, pessoas que estudam e sobrevivem da Cultura Hip Hop em específico a Dança Break.

Cultura Hip Hop: uma Ferramenta para a Educação

A chamada Cultura Hip Hop caracteriza-se como um veículo de informação e de debate sobre questões raciais, sociais e políticas, que estiveram sempre presentes na história do povo que a originou (TRIUNFO, 2000).

Segundo Rocha et al (2001), os jovens em meio a tanta violência e ociosidade escolhem a arma cultural, que acabou mudando a vida de muitas pessoas. Então se constata um fenômeno sócio-cultural que, ao rejeitar a sedução do “ouro de tolo” oferecido pelo monopólio da indústria fonográfica - fabricantes de modismo comportamentais- muitos desses jovens organizam-se em posses no Brasil afora, realizando estudos e eventos, produzindo arte, interferindo na linguagem e na metodologia educacional, reivindicando políticas públicas e propondo resistência, autenticidade e atitude. Isso porque o hip hop não foi inventado pela mídia. Nasceu naturalmente nas ruas, forjado em meio a “sangue, suor e lágrimas”. Qualquer garoto ou garota que se proponha a trilhar seus caminhos conhece muito bem sua história e a de seus personagens, tornando-os como referência. Dos bairros periféricos norte-americanos às favelas brasileiras, foi ganhando forma e conteúdo, com o ritmo e as sonoridades que emanam das pick – ups dando assim vida aos elementos da cultura Hip Hop.

Chang (2008) afirma que o hip hop é uma cultura de rua que reflete o abandono das vizinhanças do Bronx. Nos anos 60, metade dos brancos tinha mudado da área, o governo retirou seus serviços e os empregos deixaram o bairro. Aqueles que ficaram no Bronx eram extremamente pobres e os imóveis se desvalorizaram rapidamente. O paralelo com Nova Orleans e muitas outras cidades do mundo é claro. Nessa situação, com a região abandonada pelos negócios, pelo governo e pelos jovens brancos, os que ficaram formaram gangues para se proteger. No final de 1968 --um ano histórico de protestos juvenis mundiais--, parte do Bronx estava tomada por gangues e traficantes. A violência chegou no auge em 1971, e as gangues se reuniram para formalizar o maior tratado de paz que Nova York havia visto. A cultura hip hop é um efeito direto desse histórico acordo de paz. Depois de 1971, todo o Bronx mudou. Como os territórios das gangues não eram tão importantes, os jovens passaram a sair e se encontrar em festas,

expressando seus estilos. Quando as festas do DJ Kool Herc começaram, os jovens estavam procurando uma alternativa (Cf. entrevista à Folha, concedida no 15 de novembro de 2005, à jornalista Adriana Ferreira Silva).

Fochi (2007) afirma que a Cultura Hip Hop pode ser vista como uma estratégia para atrair os jovens e conter a violência, pois seus elementos promovem a identidade cultural dos mesmos inserindo – os socialmente ao mesmo tempo em que os conscientiza da realidade na qual estão inseridos – ou seja, o Hip Hop educa e emancipa.

O objetivo do Hip – Hop através da dança Break é difundir e fortalecer a Cultura Hip – Hop em sua totalidade e promover experiências de convívio, além de promover a prática de uma atividade saudável, visando o auto-conhecimento do corpo enquanto movimento e do sujeito enquanto cidadão, permitindo um vasto conhecimento teórico e prático da Cultura Hip – Hop.

Um diálogo investigativo entre o Break e a Educação

Aqui pretendo relatar minha pesquisa de campo, que se dá por meio de oficinas de Break, cujo objetivo é investigar a interface entre o Break e o Hip Hop nos planos estético e histórico.

Refere-se às atividades realizadas em minha oficina, desenvolvidas no período de maio de 2011 a dezembro de 2011, no âmbito do Projeto de Pesquisa de Políticas Públicas: *Rappers, os novos mensageiros urbanos na Periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa* (FAPESP,2011/2013). *A oficina pela qual sou responsável denomina-se: A telescopia histórica do Break: no ritmo das ruas.*

O trabalho desta oficina procurou atender à necessidade dos educandos da pesquisa realizada na Ong Casa do Zezinho, com idade entre 14 a 16 anos, do Espaço Oriente, de conhecer as bases em que se formou o *Break*, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista da prática estético-corporal, considerando que o elemento Break, bem como a Cultura Hip Hop, permitem uma forma de ressignificação do hip hop, da cultura afro-brasileira, e da construção da própria identidade do jovem, sobretudo do jovem morador da periferia. A compreensão de seu papel em sua

comunidade e no mundo é uma das consequências mais importantes para a formação do jovem hiphopper.

De início, o projeto foi apresentado, com a proposta de envolve-los inteiramente no projeto, em busca da construção de um campo de reflexão para o delineamento de uma percepção crítica do mundo, nos planos estético e histórico-social, por meio de conceitos, métodos, e objetivos que viabilizassem o interesse em aprender, procurando estimular o envolvimento dos jovens na construção de seu próprio processo de conhecimento.

Guiado por este objetivo, no primeiro semestre foram abordados os seguintes eixos: a História da Cultura Hip Hop com ênfase no elemento Break: contexto histórico de surgimento desta cultura de rua, por meio de filmes, como *Wild Style* (1984); e o filme *Flash Dance*.

Abordamos a História Afro-Brasileira, estimulando debates a respeito de alguns momentos da História do Brasil, como a escravidão, os Quilombos, a periferia, e as lutas de resistência da cultura black popular e de rua. A oficina que demos juntos, eu e o pesquisador Vinicius Puttini, responsável pelo projeto- Africanidade: Ring Shout e Break – procurou estabelecer um elo entre uma prática ancestral de nossos antepassados – o canto em roda - e a expressão estética contemporânea dos jovens do Bronx por meio de movimentos, ritmos e danças em roda, que estão relacionados à Cultura Corporal do Movimento.

Nossa oficina estava caminhando bem, quando nos deparamos com muitos acontecimentos tristes que atingiram a comunidade de nossos alunos. O mês de maio, por exemplo, foi marcado por frio intenso, muitas mortes na comunidade e faltas também na Casa do Zezinho (pois alguns deles eram alunos)... Nos confrontos entre a polícia e o tráfico, muitos jovens apareceram mortos. Fizemos com eles todo um trabalho, envolvendo desenhos e depoimentos, que visava à elaboração do luto de tantas perdas vividas. Para agravar, em junho, uma oficina foi marcada pelo transtorno da perda dos trabalhos realizados. Por a palavra para fora, expressar suas dores e indignações, por meio do grito em roda, dos desenhos, da dança e do movimento foi muito importante para o grupo.

E o Ring Shout, prática conduzida pelo pesquisador Vinicius Puttini, contribuiu para essa conquista, mostrando ao jovem as suas origens, além de tocar na ferida e

tentar buscar soluções para que ao menos amenizássemos suas dores... O trabalho do primeiro semestre terminou com a ida ao Museu Afro-Brasil. Um passeio muito importante, que os sensibilizou para refletirmos sobre a história de nossos antepassados.

Em julho, refletindo sobre o elemento *Conhecimento*, parte fundamental do hip-hop, buscamos na literatura os fundamentos teóricos de nosso trabalho do ponto de vista pedagógico, encontrando na teoria de Vygotsky, uma concepção que mais se aproximava de nosso trabalho – o homem sendo visto como sujeito histórico do conhecimento.

Acreditava ainda que o aprendizado dar-se-ia através da interação entre o homem e o meio. E foi justamente essa interação que deu origem à Cultura Hip Hop. Segundo Vygotsky⁷ (em seus escritos entre 1924 e 1926), a cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, um universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real.

No segundo semestre, os métodos utilizados nas oficinas priorizaram a busca do conhecimento de uma nova cultura que ia ao encontro da busca de conhecimento de cada indivíduo e de sua identidade. Consideramos que inseri-los no tempo histórico e na produção de cultura, tanto dos antepassados como de outros jovens do mundo, ampliaria suas consciências e visões de mundo. Foi ficando claro também que era necessário preparar algo que representasse esta visão de mundo ampliada para os pais e a comunidade.

“O Sofrimento que Cura”...

Mostrar para eles que toda a problemática vivida e sofrida por eles e seus antepassados estava intimamente ligada à história e cultura afro – brasileira e cujas origens pareciam ter ecos na Cultura Hip Hop, sobretudo se pensarmos nas contribuições da cultura negra, foi um grande desafio. Sentimos que não podíamos prosseguir no elemento *Break* sem discutir sobre “quem sou eu”? “De onde vim”? “Qual o meu papel nessa sociedade”? “O que é estar e fazer parte dessa sociedade”?

Assim como sugere Hill (2009), em seu livro⁸ sobre a pedagogia inaugurada pelo hip-hop, aproximamo-nos dos educandos e nossa história se misturou à deles: minha casa pegou fogo e todos ficaram sabendo; tive que criar métodos para mostrar a eles que somos vítimas sim de um passado escravo, do desemprego e descaso do

⁷ VYGOTSK, L.S.et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo : Ícone/Edusp, 1988. p. 103-17.

⁸ Marc L. Hill. *Beats, Rhymes, and classroom life: hip hop pedagogy and the politics of identity*. (Batidas, rimas e vida em sala de aula: pedagogia do hip hop e a política de Identidade). Nova York: Teachers College Press, 2009(versão traduzida em parte pelo grupo de pesquisa).

governo, porém o Hip Hop transforma vidas, que nos mostra um caminho de superação. Tendo sido eu mesma vítima do descaso do governo para com a vida dos moradores da periferia, fiz desse momento de fragilidade, minha força como educadora, propondo-lhes discussões, como por exemplo, até quando iríamos ficar na condição de vítimas, uma vez que tínhamos nas mãos o poder da informação e de transformação da Cultura Hip Hop.

A Resistência....

O segundo semestre iniciou-se com um trabalho em estações dividido em fundamentos. Montei um circuito com os fundamentos da dança Break (*Top Rock, Footwork e Freeze*). O mês de agosto foi marcado pela iniciativa dos Zezinhos que se sensibilizaram com o Navio Negroiro exposto no Museu Afro-Brasil. Vinicius, meu parceiro de pesquisa, trouxe um roteiro com o tema Navio Negroiro e os zezinhos utilizaram e contaram a história do jeito deles, criando assim um navio feito de pessoas, feito de zezinhos...

Todos tinham que passar por nossas oficinas, então a turma foi dividida e uma parte ficou responsável por produzir e divulgar os trabalhos para a semana cultural na Casa do Zezinho, e a outra turma, pela produção de um show.

Através de Stickers (modalidade de arte urbana que utiliza etiquetas adesivas), os educandos procuraram expor o que sentiam pela Cultura Hip Hop e em seguida esse sentimento era cantado sob o modo de lamentações no Ring Shout; o Scrap foi o caderno de bordo de cada um, que era lido somente por mim, e tinha a função de passar as dificuldades da escrita para a educadora de letramento da Casa do Zezinho e também para o projeto saúde quando necessário; as rodas livres eram feitas para que despertasse neles a criatividade, a curiosidade e expressividade.

Readaptação....

Em meio às nossas oficinas, senti a necessidade de trabalhar com alguns capítulos do livro *Cabeça de Porco* (Luiz Eduardo Soares, M.V. Bill, Celso Athayde, 2005). Os títulos eram bastante sugestivos: *Etiquetas do Olhar e Invisibilidade, Reconhecimento e a Fonte Afetiva do Crime*. Vinicius Puttini trouxe algumas letras do rap nacional. Foram materiais essenciais para responder a todos os questionamentos sobre o sentido da vida entre aqueles jovens e tentar curar as feridas abertas.

Iniciamos os ensaios com um *Ring Shout* em homenagem aos deuses da mitologia africana (*Yewá, Ala, Ale*, etc), seguido de formação do Navio Negroiro, tema baseado na leitura do poema de Castro Alves, seguido da exposição do vídeo clip do

Navio Negreiro, interpretado por Caetano Veloso. Propusemos movimentações no solo de Break e expressão corporal; seguido de Ring Shout de libertação, solo do menino e menina; depois, da coreografia do grupo, acompanhando o ritmo do poema *Navio Negreiro* interpretado por Caetano Veloso, por sugestão do Vinicius. A capoeira fez parte dos movimentos do show, representando a luta de resistência dos afro-descendentes de ontem e de hoje. A encenação com a música Navio Negreiro do grupo de rappers, *Consciência Humana*, resgatou a situação do escravo, coreografias de Break com o som musical do rapper Rapadura (Amor Popular). A proposta era que os educandos, no final da apresentação, se aproximassem dos convidados para dançar “um arrasta-pé” com os convidados (pais e comunidade).

Preparamos, na verdade, um mini – espetáculo, com o título *Navio Negreiro*, em que os jovens fariam parte de um mosaico formando o Navio Negreiro chegando ao porto (das Américas) e trazendo consigo não somente escravos, mas toda a sua bagagem cultural em meio à opressão sofrida pela escravidão, com o Ring Shout e seus rituais, a capoeira... Em seguida, a história prossegue, o escravo se liberta, e se “globaliza”, transformando-se em “homem periférico”. Com todo o seu multiculturalismo, conhece a dança break e mistura a música rap, a embolada e o baião. E tudo isso passa a compor o que chamamos de arrasta-pé.

Este foi o tema de nossa apresentação do final de ano para os pais em comemoração ao dia da consciência negra, por meio da qual procuramos resgatar toda a nossa história, desde a cultura afro-brasileira, a nordestina até a realidade da própria comunidade vivida por eles. Parte do trabalho foi desenvolvido em círculos, uma prática comum ao Ring Shout e à própria dança Break.

Estávamos pondo em ação o que passamos a chamar de “telescopia histórica”, um conceito que nos remete às reflexões do filósofo C. Béthune (2003)⁹, que nos mostra que o Hip Hop, ao tornar próximo o passado distante por meio de uma expressão estética, converter-se em um dos caminhos para a busca da formação no sentido amplo do termo, pois permite ressignificar a cultura, a identidade, enfim a história do ser humano enquanto sujeito histórico do conhecimento.

⁹ Béthune, C. *Le Rap: une esthétique hors de la loi*. Paris, Autrement, 2003 (versão traduzida pelo grupo de pesquisa).

Percebemos que o elemento Break contribuiu para o desenvolvimento integral dos jovens: aquele que não se emocionava, chorou, sorriu, falou, lamentou.... Aquele que não se sentia bem com seu corpo se conheceu, suou, pulou, dançou... Aquele que não era alfabetizado, pintou, contou, opinou, e murmurou em rabiscos... Aquele que era tímido, se encorajou, dançou, se emocionou, elevou sua auto-estima. Por fim, todos aprenderam, cresceram e hoje estão buscando alternativas para melhorar os seus currículos e assim ingressar no tão sonhado mercado de trabalho

Embora os jovens fossem muito tímidos de início, diante da proposta de Semana Cultural na Casa do Zezinho, onde seria possível realizarmos a apresentação e exposição dos trabalhos elaborados nas oficinas, pensamos em uma forma de comemorar o dia da Consciência Negra (21/11) e o Aniversário da Cultura Hip Hop (12/11), bem como participar do Festival de Dança de Rua.

Conclusão

A dança Break traz uma grande contribuição em relação ao desenvolvimento do ritmo e para despertar a criatividade, além de visar uma identidade cultural, social e educacional. Nessa dança, o ritmo é trabalhado através de movimentos envolventes e empolgantes, fazendo com que os alunos se interesse pela atividade, além de ser um processo onde o educador pode trabalhar várias possibilidades, associando seus eixos temáticos e a interdisciplinaridade.

Conhecer, entender e reconhecer a Cultura Hip Hop, como elemento significativo de Cultura e Educação, pressupõe uma nova atitude diante do Humano contemporâneo, em especial as crianças e adolescentes e adultos que se reconhecem dentro dela. A partir daí, este trabalho passa a estabelecer relações entre o Hip Hop, em especial o break, com importantes áreas do conhecimento ligadas à Educação.

Tudo isso se transformou em forte motivação para os jovens do projeto, que passaram a se empenhar; elevando a auto-estima de cada um, sentindo-se confiantes para participar dessas festas e, assim, foram inscritos. Participaram das competições recebendo o primeiro lugar na sua categoria.

O trabalho em 2012 está sendo desenvolvido a partir do Filme Beat Street (1984), a partir do qual está sendo feita uma leitura histórica do elemento Break pelos alunos, convidados por nós a serem investigadores da concepção Histórica da Cultura Hip Hop, da cultura afro-brasileira e da sua própria história.

A dança Break, nesse sentido, provoca uma discussão entre os jovens sobre várias questões e problemáticas da sociedade na qual estão inseridos. Enquanto fenômeno sócio-cultural caracteriza-se por promover uma postura revolucionária entre os jovens, permitindo que os mesmos se expressem e superem suas limitações, criando através de suas pesquisas seu estilo próprio.

Referências Bibliográficas

ATHAYDE, Celso., et al. **Cabeça de Porco**. Celso Athayde, M.V. Bill, Luis Eduardo Soares. Editora: Objetiva, 2005.

BÉTHUNE, C. **Le Rap: une esthétique hors de la loi**. Paris, Autrement, 2003(versão traduzida pelo grupo de pesquisa).

CHANG, J. **Can't stop, won't stop - a history of the hip hop generation**. New York, 2005.

CUNHA, M. **Aprenda dançando, dance aprendendo**. 2 ed. Porto Alegre: Luzatto,1992. p.11-13.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Coleção polêmicas do nosso tempo: autores associados, 2007.

FORMAN, Murray & NEAL, Mark Antony. That's the joint! The hip hop Studies Reader. HOLMAN, Michael. **Breaking: The History (p.31-39)**. New York: Routledge, 2004.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus,1994.

HILL, Marc . **Beats, Rhymes, and classroom life: hip hop pedagogy and the politics of identity**. (Batidas, rimas e vida em sala de aula: pedagogia do hip hop e a política de Identidade). Nova York: Teachers College Press, 2009(versão traduzida em parte pelo grupo de pesquisa).

LOPEZ, A.; MOTA, C. G. **História do Brasil: uma interpretação**. Editora: Senac: São Paulo, 2008.

ROCHA, J., et al. **Hip Hop – a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

Websites

FOCHI, M. A. B. **Hip Hop brasileiro** - Tribo urbana ou movimento social! FACOM – n. 17, p.61, 1º sem.,2007. Disponível em < http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom_17/fochi.pdf > Acesso em 20 de nov. de 2009.

FUNDAMENTOS DA DANÇA BREAK. Disponível em < <http://www.myspace.com/zuluherval/blog/517244309> > Acesso em nov. de 2010.

HIP HOP HISTORY. Disponível em < <http://www.zulunation.com> > Acesso em: maio/2009.

PIMENTEL, S. **O Livro Vermelho do Hip Hop**. Disponível em < <http://www.realhiphop.com.br/olivrovermelho/> > Acesso em mar. De 2009.

PELAES, M. L. W. *Uma Reflexão Sobre o Conceito de Criatividade e o Ensino da Arte no Ambiente Ecolar*. Disponível em < <http://webartigos.com> > Acesso em: novembro de 2010.

Revistas

ALVES, F. S., e DIAS, R. A Dança Break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. **In.: Revista Motriz**. Rio Claro, v. 13, n.1, p. 24-32, jan./mar. 2007, p. 1-7.

TRIUNFO, Nelson. **Rev. Hip Hop** - Cultura de rua. V.1. Rio de Janeiro, 2000, p. 16.

RIBEIRO, Fabrício. **História da Cultura Hip Hop**. Material cedido pelo Presidente da Zulu Nation Brasil King Nina Brown. (s/d).